

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

CARPENTIER (Elisabeth). — *Une ville devant la peste: Orvieto et la peste noire (1348)*. Paris. S.E.V.P.E.N. Coleção "Bibliothèque générale". École Pratique des Hautes Études. VIe. Section. Centre de Recherches Historiques.

Essa monografia tem por fim estudar, num quadro preciso e limitado, as reações apresentadas por uma pequena cidade nos Estados Pontifícios, durante a peste negra de 1348.

Antes da peste Orvieto, que contava cêrca de dez a doze mil habitantes, estava às voltas com dificuldades de ordem política e social, mas sobretudo de ordem econômica e psicológica que prepararam para a epidemia um terreno favorável. A crise de subsistência de 1346-1347 é particularmente grave e deixou a população num estado de fraqueza e de sub-alimentação.

A peste, bubônica sem dúvida, mas sobretudo pulmonar, apareceu em abril de 1348 em Orvieto e durou até setembro. O silêncio dos textos oficiais é quase que completo nesse sentido e prova com tóda a evidência a desorganização total da vida da cidade. Alguns exemplos, colhidos entre grupos muito restritos de funcionários municipais, testemunham uma mortalidade oscilando entre um quarto e a metade dentro das categorias observadas.

Após a epidemia, a cidade tenta um grande esforço de reerguimento, especialmente no domínio econômico (fixação de um máximo dos preços desde o outono de 1348, reforma fiscal e econômica de 1350), mas não conseguiu sustar os principais fatores da crise: alta dos preços, enfraquecimento da moeda, abandono das terras, falta de mão-de-obra.

Ao mesmo tempo, os problemas específicos apresentados pela peste continuam presentes durante longos anos. As questões de sucessão, a necessidade de proteger as viúvas e os órfãos, o desejo de atrair a imigração estrangeira, a falta de médicos, as tentativas de luta contra a alteração dos costumes aparecem freqüentemente nos textos municipais. O estudo desses diferentes aspectos mostra a gravidade do choque psicológico sofrido pela cidade que conheceu uma baixa não somente quantitativa mais qualitativa da população: tendências que se acentuarão no reaparecimento da epidemia na segunda metade do século XIV, especialmente em 1363.

E. S. P.

*

GUERIN (Isabelle). — *La vie rurale en Sologne au XIVe et XVe siècle*. Paris. S.E.V.P.E.N. École Pratique des Hautes Études (VIe Section). Centre de Recherches Historiques. Collection "Les hommes et la terre".

(*) — Solicita-se dos Srs. autores e editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (Nota da Redação).

Região de madeiras e de pântanos, a Sologne sempre foi pobre sob o ponto de vista agrícola; todavia, foi ela mais povoada e melhor cultivada na Idade Média do que nas épocas de decadência que se seguiram. Esse equilíbrio e essa prosperidade relativa foram gravemente atingidos pelos desastres da Guerra dos Cem Anos, e, no fim do XV século a região não mais se ergueu de suas ruínas.

As relações das propriedades e cadastros dos XIV e XV séculos nos permitem traçar um quadro dos recursos da Sologne e de suas condições de exploração. A terra estava então sobretudo nas mãos dos senhores laicos que tiravam partido da situação, segundo os processos de arrendamento de uso corrente nessa época.

Mas as circunstâncias econômicas, criadas pela guerra, trouxeram subversões sociais e vemos numerosos representantes da feudalidade local serem obrigados a vender os seus feudos a burgueses enriquecidos e recentemente enobrecidos; essas mesmas circunstâncias favoreceram a emancipação dos servos, ainda numerosos na Sologne em pleno século XV e cuja presença, nessa época, testemunha o atraso da região.

E. S. P.

*

DA CANAL (Cristoforo). — *La marine venitienne avant Lepante*. Paris. S.E.V.P.E.N. Coleção "Bibliothèque générale". École Pratique des Hautes Études. VIe Section. Centre de Recherches Historiques.

No drama surpreendente, ainda incompletamente explorado, dos primeiros decênios do XVI século veneziano, o período que vai de Prevesa a Lepanto assume um aspecto original e uma autonomia indiscutível. E', na aparência, um momento de repouso na longa existência do Estado lagunar. Mas já, nesse meado do XVI século, as estruturas da República oscilam lentamente, silenciosamente, e se instalam em novas articulações. Grandes linhas políticas, sociais, econômicas, religiosas se esboçam, que serão as dos últimos séculos da história veneziana. Numa França em transformação, Veneza não se renova, mas encontrará a tempo um equilíbrio que se manterá por mais de duzentos anos.

Antes de Lepanto, ninguém em Veneza teve uma consciência nítida dessa evolução. O patriciado opôs uma resistência cega e maciça às tentativas de revisão radical; essa classe sentia instintivamente que toda mudança poria em jôgo a sua fortuna adquirida com tanto esforço. Ela se recusou, pois, em pensar em termos de Estado e assim como de cidade, obstinando-se na crença duma Veneza eterna. Cristoforo Da Canal é uma encarnação exemplar, ao mesmo tempo das melhores energias e dos limites do patriciado da Sereníssima, símbolo da modernização da marinha veneziana, campeão de seu aperfeiçoamento e também o primeiro crítico de suas insuficiências e de suas fraquezas. A luta entre o patricio e as forças da inércia que entravam a modernização, esse contraste con-

tinuo entre as exigências das quais êle se fazia o intérprete é a sociedade que não as compreendia e não as partilhava estão sempre presentes neste estudo. Ao mesmo tempo que a obra de Cristoforo Da Canal apresenta uma vista de conjunto sôbre a transformação da frota veneziana nos meados do século XVI dá uma vista sôbre a crise das estruturas marítimas, administrativas, mentais e mesmo sociais da Sereníssima dessa época.

E. S. P.

*

MARCIANI (Corrado). — **Lettres de change aux foires de Lanciano au XVIe siècle**, avec Introduction, un Tableau, Index géographique, Index onomastique. Paris. 1962. S.E.V.P.E.N. École Pratique des Hautes Études (VIe Section). Centre de Recherches Historiques. Collection "Affaires et gens d'affaires". 196 pp.

Êsses documentos, constantes de um importante maço de letras de câmbio usadas no XVI século nas feiras de Lanciano, rompem o silêncio quase que total em que estavam mergulhadas as feiras italianas. Proporcionam aos estudos históricos um local até hoje praticamente ignorado, mercado e ponto de encôntro na rêde das rotas marítimas e terrestres que confluíam para o Mediterrâneo. Êles projetam também uma grande luz sôbre a história econômica do Sul da Itália. O Autor, que pôs em evidência a pouco tempo diversos aspectos das feiras de Lanciano, nos introduz agora entre os mercadores e mercadores-banqueiros do XVI século que, vindos dos maiores centros da Península, encontravam-se duas vezes por ano nas feiras do pequeno centro dos Abruzos. Encontramos aqui, pessoalmente ou representados, os genoveses Centurione, Gentile, Composta, Vollaro, Corcione, Mari, Pinelli, Spinola, Lercaro; os florentinos Adimari, Bandini, Bardi, Biffoli, Vecchietti, Salutati, Santacroce, Spinelli, Strozzi, Tornaquinci; os napolitanos Caputo, Casola, Citarella, Sant'Elia, Talami, Turbolo; os lombardos Cusano, Lucatelli, Marcone, Marchesi, Olgiatti; os venezianos Rubino, Ribera, Gieza, dall'Oglio, Lolmo, Tasca, Cristel e Pener, Robazza; enfim, inevitavelmente, os judeus. São quase todos mercadores-banqueiros que por sua presença dão às feiras de Lanciano um caráter misto de praça de câmbio e de tráfico de mercadorias.

Êsses textos não só nos informam sôbre o caráter das feiras de Lanciano, como também nos dão uma idéia clara da organização comercial nessa época, em que se desenvolvia uma rêde de centros mercadores numa extremidade à outra da Península, ao longo da costa ocidental do Adriático, para se concentrar em Salerno, na costa tirrênica.

A documentação reunida nesse volume confirma, enfim, tudo aquilo que se sabe sôbre o importante instrumento da vida comercial que é a letra de câmbio. Ela oferece ainda aos economistas novos elementos de estudo, aos especialistas em história econômica um

encorajamento na obra empreendida para a reconstituição da rede de feiras, juntando a de Lanciano as que já foram objeto de estudos de conjunto ou de minúcias: Bolzano, Placência, Senigallia, Salerno.

E. S. P.

* * *

BAULANT (Micheline) e MEUVRET (Jean). — **Prix des céréales extraits de la Mercuriale de Paris (1520-1698)**. (Tome I, 1520-1620; tome II, 1621-1698). Paris. 1960-1962. S.E.V.P.E.N. École Pratique des Hautes Études (VIe Section). Centre de Recherches Historiques. Collection "Mnnaie, Prix, Conjoncture". 166 + 250 pp.

A "Mercuriale" de Paris, conjunto de relatórios dos oficiais medidores de grãos, nos permitem o levantamento dos preços de cereais nos mercados, conservados que foram de 1521 a 1698 em 40 registros.

No tomo I o Autor faz o levantamento mensal dos preços dos cereais vendidos nos mercados de Paris e estuda as médias anuais calculadas por um ano de colheita (agosto-julho), dos preços em libras tornezas. Traça também um quadro do valor-prata, assim como do curso das moedas utilizadas nesse comércio.

O tomo II e último, contém os extratos do período que vai de 1621 a 1698. Com os mesmos métodos adotados no tomo I, extraiu-se os preços nos mercados do trigo, do centeio, da cevada e da aveia para a primeira venda de cada mês, no II são relatados os preços de todas as vendas para os anos críticos e, principalmente nesse tomo, para os anos da Fronde e da grande crise de 1660-1663.

Nesse último volume, juntou-se um quadro dos preços dos cereais em cada festa de São Martinho de 1520 a 1698. Três curvas dos preços máximos do trigo de 1520 a 1698 resumem e completam os gráficos, que são a continuação daqueles estampados no I tomo, na seguinte ordem:

1. — por ano de colheita em libras tornezas.
2. — por ano de colheita em peso de prata.
3. — na festa de São Marinho em libras tornezas.

E. S. P.

* * *

GOUBERT (Pierre). — **Beauvais et le Beauvaisis de 1600 à 1730. Contribution à l'histoire sociale de la France du XVIIe siècle**. Paris. S.E.V.P.E.N. École Pratique des Hautes Études. (VIe Section). Centre de Recherches Historiques. Collection "Démographies et Sociétés".

No limite da Ile-de-France com a Picardia existe uma velha região dominada por uma velha cidade eclesiástica, militar e mercadora, que serviu de campo de experiência para um novo estudo sobre o XVII século. Naquilo que ela tem de tradicional e de não-

vo, de imóvel e de móvel, a sociedade, a economia e a demografia do Beauvaisis concorrem para formar ao mesmo tempo o quadro e o filme de um XVII século bastante sombrio e difícil. Este é um livro na mesma “linha” daquele de Roupnel sobre a região de Dijon, mas que levou em conta o progresso obtido pelas escolas históricas francesas nestes últimos trinta anos, com visões precisas e hipóteses temerárias que deveriam fazer avançar o nosso conhecimento sobre a sociedade francesa do século XVII.

E. S. P.

* *

VILAR (Pierre). — **Le “Manual de la Companya Nova” de Gibraltar, 1709-1723.** Paris. 1962. S.E.V.P.E.N. Collection “Affaires et gens d'affaires”. (École Pratique des Hautes Études — VIe Section). 243 pp.

Essa edição integral dum livro de contas catalão do início do XVIII século, justifica-se pela relativa raridade de documentos tão completos dessa época e pela situação particular da Catalunha durante a Guerra de Sucessão da Espanha, logo após a tomada de Gibraltar pelos ingleses.

O Autor quis também dar um exemplo de publicação comentada, o inventário-tipo das indicações técnicas e das sugestões gerais que podem ser extraídas desse gênero de documentos “involuntários” e “objetivos”.

As indicações técnicas referem-se ao funcionamento prático de uma dessas “companhias” que formam o quadro clássico da atividade econômica mediterrânea entre o XII e XIX século. Nessa obra podemos apreciar também o vocabulário e a técnica das operações, as mais diversas e características, desenvolvidas pela Companhia, as mercadorias trocadas, os navios utilizados, a incidência do custo de transporte e do fisco, informações metrológicas, enfim, a moeda (situação monetária da Espanha no tempo da Guerra de Sucessão, nascimento da futura “peseta”).

De um ponto de vista mais geral, o “Manual” permite observar a mudança da conjuntura de 1711, o problema das consequências econômicas da Guerra de Sucessão, o apogeu numa restauração catalã visível desde 1670-1680, enfim, a posição numa jovem burguesia mercantil no conflito que colocou a Catalunha, em 1705, contra o neto de Luís XIV e a favor do Arquiduque Carlos, que se tornará rei da Espanha sob o nome de Carlos III.

O Autor reconstituiu, partindo do “Manual”, o “Grande Livro” da Companhia e seus três balanços, o que nos permite julgar, na data do documento, o estado e a utilização da técnica contábil.

A obra interessa, pois, aos historiadores da Espanha, aos da Guerra de Sucessão, aos historiadores de empresas, aos da contabilidade, e aqueles da economia mediterrânea.

E. S. P.

* *

BAEHREL (René). — **Une croissance: la Basse-Provence rurale (fin du XVIIe siècle — 1798).** Paris. 1961. S.E.V.P.E.N. École Pratique des Hautes Études. (VIe Section). Collection “Démographie et Sociétés”. 842 pp. Album de gráficos com 33 pp.

Esta obra é muito mais que uma simples história rural num quadro regional. O Autor, já conhecido por numerosos artigos, utiliza tôdas as séries de preços, franceses e estrangeiros, que conhece, e apela em testemunho de suas afirmações, por exemplo, as plantações de vinhas em Portugal, o secamento do pântano Vernier, o cadastro napoleônico de 118 comunas não-provençais.

Suas afirmações originais não foram feitas levemente: René Baehrel, nos 141 quadros que cobrem perto de 240 páginas, oferece a maior parte de sua documentação em dados numéricos cuidadosamente estabelecidos. Um elegante álbum apresenta inúmeras curvas ou gráficos, obtidos por processos simples que muitas vêzes o historiador parece ignorar.

Obra que fará época, revolucionária pela suas fontes, pelo seu método, pelas suas conclusões, livro de pioneiro como não teve escrúpulos em afirmar Ernest Labrousse, presidente da banca examinadora de sua tese de doutorado na Sorbone. As críticas, baseadas nos argumentos tradicionais, amontoaram-se contra esta obra. Isso foi considerado normal e René Baehrel não as ignorou e a elas respondeu num longo prefácio, quando da atual publicação de sua tese de doutoramento.

E. S. P.

* *

VILAR (Pierre). — **La Catalogne dans l’Espagne moderne. Recherches sur les fondements économiques des structures nationales.** Paris. S.E.V.P.E.N. 1962. 3 vols. — I, 717 pp., 36 pl. fora do texto; II, 586 pp; III, 570 pp., 4 pl. e um atlas com 95 mapas e gráficos.

Esta obra é o fruto de mais de 30 anos de pesquisas empreendidas pelo Autor, antes e depois da Guerra Civil espanhola, para estudar, partindo da observação do desenvolvimento econômico catalão, as condições históricas da formação da Espanha como Estado e como Nação. Ele insiste sobre as desigualdades dos desenvolvimentos regionais como fator de fraqueza para a unidade espanhola e sobre as rivalidades que daí derivaram, entre as classes dirigentes, em tórno do Estado.

O primeiro volume parte duma observação direta da Espanha entre 1927 e 1936. Precisa os mais recentes resultados da pesquisa sobre a estrutura geográfica da Catalunha (pp. 167-343) e sua história mais antiga (pp. 345-455). Extrai as “decalagens” cronológicas entre conjunturas regionais (1333-1492: declínio catalão, ascen-

são castelhana; 1492-1598: ascensão imperial, término do prestígio catalão; 1598-1714: declínio espanhol, revoltas catalãs). Essa parte sintética (pp. 459-710) sugere uma revisão de conjunto da história da unidade espanhola.

Os dois volumes seguintes são estudos analíticos e quantitativos do desenvolvimento econômico catalão na fase de formação do capitalismo:

Primeiramente, a reconstituição do movimento demográfico (1718-1808, cartografia, cronologia, estrutura).

Em segundo lugar, a extensão, intensificação das culturas, movimento dos preços e lucros agrícolas, transformação das estruturas sociais agrárias (segundo os arquivos hospitalares, notariais do "Patrimônio real" e os inquéritos de Xamora).

Em terceiro lugar, a formação do capital comercial, estudado a partir da conjuntura secular (movimento de taxas, pôrto de Barcelona), e de observação micro-econômica das empresas (arquivos das "lojas", "barcos" e "companhias"), com a reconstituição do tráfego entre a Catalunha e as colônias americanas).

A obra interessa, pois, ao mesmo tempo aos historiadores e aos hispanistas, como uma contribuição original para a história do poderio e da unidade espanhola, aos sociólogos como contribuição à teoria histórica do Estado e da Nação e aos economistas como reconstituição retrospectiva de um desenvolvimento pré-capitalista.

E. S. P.

* *

INVASÃO E OCUPAÇÃO DE GOA. — Comentários da Imprensa Mundial — Edição do Secretariado Nacional de Informação — Cultura Popular e Turismo — 1962.

O objetivo desta obra está muito bem expresso na nota explicativa, inserta à página 5:

"Goa, província portuguesa há cinco séculos, foi invadida por tropas da União Indiana, que a mantém cativa. Os órgãos de informação de todo o mundo ocuparam-se largamente do caso.

Julgou-se por isso de interesse reunir grande parte das reações provocadas pela inqualificável agressão indiana. Tão vasto era, porém, o material sobre que havia de fazer-se a coletânea, que se tornou inevitável empreender a seleção e condensação das muitas dezenas de comentários vindos a lume.

Mesmo assim, o livro resultou denso e volumoso. Dêle se publicam uma versão inteiramente em língua portuguesa e outra mantendo os textos originais nas cinco principais línguas: francês, inglês, alemão, espanhol e italiano. Só os textos das imprensas portuguesa e brasileira foram vertidos para o inglês.

Nada escrevemos. Apenas nos limitamos a reunir, condensar e ordenar parte dos textos de que dispúnhamos, facultando assim uma elucidativa visão de conjunto. Dela ressalta claramente o direito de Portugal, a sem-razão dos indianos, o malôgro de organismos internacionais responsáveis e o jôgo comunista contra o Ocidente".

A idéia de compilar em uma edição só o noticiário da imprensa mundial sobre o problema específico de Goa foi excelente. Tem o historiador contemporâneo elementos de sobra para julgar o problema, nas 619 páginas da obra e na farta ilustração que a acompanha. Há, no entanto, a nosso ver, uma falha: a seleção e ordenação de artigos seguindo uma divisão que transcreveremos a seguir, conduz o leitor a ver o problema do ponto de vista português e ocidental. Isto, evidentemente, dá um aspecto parcial ao livro, o que entretanto não tira nem um pouco o valor da idéia e da obra. Basta que o leitor esteja ciente da triagem feita pelo compilador, que a justifica na nota explicativa que transcrevemos e se preocupe, para maiores esclarecimentos em confrontar os artigos insertos na obra com outras publicações contemporâneas e terá à mão um excelente documentário da Invasão de Goa, pelas tropas indianas.

Excelente o material empregado na confecção do volume e muito bem escolhidas as ilustrações.

Os assuntos foram, como o enunciamos, ordenados da seguinte forma:

1. — Civilização Cristã no Oriente. A obra de Portugal em Terras do Indostão. Razões de sua soberania em Goa. Preparativos para a Agressão por parte da União Indiana. Insistente Campanha de Mentiras.
2. — Agressão. Desmascaramento das Falsas Razões Invocadas. Verdadeiros Fundamentos do Recurso à Violência. Apóio e Conúbio dos Sovietes e dos Afro-Asiáticos.
3. — Reação e Condenação por parte do mundo civilizado. Duplicidade de Nehru. Desrespeito pela Carta das Nações Unidas e pelo Direito Internacional.
4. — Malôgro das Nações Unidas. Frouxo e Inadequado apóio aos Direitos de Portugal por Parte dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. O mau exemplo e as suas conseqüências. Negras perspectivas para o Futuro.
5. — Regozijo do Comunismo Internacional. Imprevidente jôgo de interesses favorável aos desígnios de Moscovo para subversão do Ocidente.

Essa ordenação de artigos jornalísticos se prende aos trabalhos publicados em 1961 e 1962, não havendo nos subtítulos apresentados acima nada mais do que uma síntese dos assuntos agrupados.

Em resumo, é em nosso modo de entender, um exemplo digno de ser seguido.

JOSE S. WITTER